

Fátima: Das visões dos pastorinhos à visão cristã

Uma apresentação*

ADÉLIO FERNANDO ABREU**

Passam 100 anos sobre os acontecimentos de Fátima que envolveram os videntes Lúcia, Francisco e Jacinta e que estão na base da afirmação de Fátima no catolicismo português contemporâneo até transbordar fronteiras e estender o seu impacto às dimensões da Igreja universal e à experiência da fé marcada por múltiplos acontecimentos que não apenas aqueles que tocavam a sociedade e a Igreja em Portugal à época, quando o catolicismo português se encontrava em processo de recomposição depois das vicissitudes dos séculos XIX e XX.

É certo que o regime liberal do Portugal oitocentista não pusera em causa o catolicismo romano como religião oficial. Contudo, no ajustamento da Igreja à nova sociedade, convertera os seus ministros em agentes de estruturação social. Tratava-se de uma visão instrumental da Igreja, manietada aos interesses do Estado, incompreendida na sua missão religiosa, diminuída nos seus

* Apresentação do livro: AZEVEDO, Carlos A. Moreira – *Fátima: das visões dos pastorinhos à visão cristã*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2017. 213 p. A apresentação ocorreu a 18 de abril de 2017 na Paróquia da Senhora da Conceição, Porto.

** Universidade Católica Portuguesa, CEHR – Centro de Estudos de História Religiosa, Faculdade de Teologia – Porto.

meios e atingida na sua capacidade de se organizar e influenciar a sociedade. A Igreja foi aprendendo a viver no sistema constitucional e foi lançando as bases da própria recuperação, a partir dos dinamismos do associativismo católico de predominância laical, do progressivo distanciamento do catolicismo da causa absolutista, da emergente preocupação com os problemas sociais, do reaparecimento da vida religiosa entretanto tolerada, de um conjunto de formas de expressão pastoral e devocional, que procuraram contrariar o movimento de descristianização da vida social.

A agitação política e as preocupações eclesiais de 1917 encontravam, porém, antecedentes mais próximos. As dificuldades em que o catolicismo se moveu desde o dealbar do liberalismo agravaram-se com a eclosão da revolução republicana de 1910 e com a subsequente lei de separação de 1911. A Igreja foi confrontada com um novo quadro jurídico, perdendo o estatuto de religião oficial e, conseqüentemente, o seu papel na construção social que o liberalismo entre contradições lhe reconheceu. Não foi, contudo, este novo enquadramento que lhe causou mais perplexidade, atendendo à reflexão sobre a contingência das formas de governo que o movimento católico lhe fora oferecendo ao longo da segunda metade da centúria precedente e à aceitação da república pelo *ralliement* de Leão XIII. Os transtornos advieram da política de laicização que a I República instaurou, através de um conjunto de medidas que foram alterando a fisionomia do catolicismo: os jesuítas foram expulsos e as congregações religiosas foram extintas e perderam os seus bens; os juramentos religiosos foram eliminados; o ensino religioso nas escolas primárias e normais foi proibido, e a Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra foi extinta; os dias santificados foram abolidos; o casamento civil tornou-se obrigatório e foi introduzido o divórcio. A lei de separação privou a Igreja da sua personalidade jurídica e passou os seus bens para as associações culturais, de que estava excluído o clero.

Os bispos portugueses reagiram com uma pastoral coletiva que não contestava o novo regime, mas apenas a sua política de laicização, e afirmava que os católicos deviam acatar as novas instituições políticas, obedecendo-lhes em tudo o que não fosse contrário à consciência. Perceberam que a restauração cristã, que também marcava por aqueles anos o pontificado de Pio X, não se conseguia pela perda da confessionalidade oficial, mas através da unidade num empenho especificamente religioso, com repercussões no tecido social, trilhando caminhos que o movimento católico oitocentista já antecipara.

À laicização da sociedade, respondeu também a Igreja com vários elementos favoráveis à cristianização das massas, como as missões populares e pregações, as festas e procissões, as peregrinações e devoções, nomeadamente à Eucaristia, à Virgem Maria e ao Coração de Jesus. Muitas destas

formas de piedade ressentiram-se da hostilidade republicana, das suas medidas de controlo e das limitações às manifestações públicas. Sobreviveram e intensificaram-se, porém, afirmando a sensibilidade religiosa do povo português, num tempo em que as vicissitudes da I Guerra Mundial também o atingiam, enquanto a participação de Portugal aprofundava as incertezas. Várias dessas formas de piedade se refletiram aliás nos acontecimentos de Fátima.

O processo de recomposição católica que, no rescaldo da república, Fátima veio religiosamente confirmar, corria já no campo religioso e devocional em detrimento do político e jurídico. A reorganização pastoral do catolicismo em Portugal desembocou e foi depois impulsionada pelo Concílio Plenário Português de 1926, realizado também sob o signo da união católica para uma ação pastoral mais concertada na disciplina, na catequese e nos estudos eclesiais. Continuará ainda com a dinamização catequética e litúrgica e sobretudo com a criação da Ação Católica Portuguesa em 1933. Fátima pôde constituir-se assim em polo de convergência de um catolicismo que se recompunha pela via da unidade, sobre um lastro religioso e devocional, que os acontecimentos de Fátima trataram de confirmar. Nessa altura, já Fátima tinha obtido o aguardado veredito eclesial, chegado pela carta pastoral do bispo de Leiria, publicada em 1930, pela qual declarava *«como dignas de crédito as visões das crianças na Cova de Iria»* e permitia *«oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima»*.

O passar dos anos superou a expressão religiosa unitária da restauração católica rumo a um apostolado mais diverso. Testemunhou, contudo, também que Fátima e a devoção mariana daí decorrente se foram constituindo em lugar universal de dinamização pastoral e de experiência da fé, na resposta aos desafios de cada tempo, também no diálogo/tensão entre as formas eclesialmente definidas e as expressões de vivência pessoal nem sempre enquadráveis. A mensagem das aparições foi interpelando no contexto da afirmação do comunismo, da II Guerra Mundial, da Guerra Colonial ou da Guerra Fria, enquanto para Fátima convergiam as mais significativas iniciativas do catolicismo português ou a hierarquia eclesial e os papas que também de Fátima se fizeram peregrinos, assim como para lá caminhavam e caminham fiéis anónimos carregados com o peso dos seus dramas, reconhecidos por graças recebidas ou em busca de uma experiência de Deus que ofereça sentido aos acontecimentos que preenchem as suas biografias ou os tempos em que elas se constroem.

Passados 100 anos, é tempo de fazer memória, de voltar aos acontecimentos e à mensagem, não apenas para narrar o passado, mas sobretudo para compreender o papel deles no presente e no futuro. O contexto das celebrações centenárias tem trazido a lume publicações que nos permitem uma

aproximação a Fátima em diferentes perspetivas, da história à teologia e à espiritualidade, na atenção aos factos e à afirmação de Fátima como centro de peregrinação, numa polifonia de vozes recolhidas e ordenadas sobre o tema, na apresentação da mensagem e da sua pertinência para os dias que vivemos. Jornalistas, historiadores, teólogos e publicistas que usam da pena a partir de outros quadrantes têm-se interessado e publicado sobre Fátima. Neste contexto do centenário, também D. Carlos A. Moreira Azevedo publica com a chancela de A Esfera dos Livros a obra *Fátima: Das visões dos pastorinhos à visão cristã*. O espaço não estava nem está totalmente preenchido e há lugar também para a obra que agora apresentamos. Reconheça-se desde logo que o autor se encontra numa situação privilegiada e é voz autorizada para abordar a questão de Fátima. À sua formação histórica e teológica, junta o facto de ter presidido entre 1999 e 2008 à Comissão Científica da *Documentação crítica de Fátima*¹. Grande parte dos tomos – concretamente oito em 15, referentes aos volumes II, III e IV, mesmo se o II volume já tinha sido preparado antes – da referida *Documentação crítica* saiu tendo-o como presidente da comissão. Trata-se do instrumento mais importante para uma aproximação científica a Fátima, porquanto reúne a documentação para o período situado entre 1917 e 1930. Coube também a D. Carlos Azevedo a coordenação, em conjunto com Luciano Coelho Cristino, da *Enciclopédia de Fátima*².

As cerca de 200 páginas que compõem a obra agora lançada dão corpo a uma estrutura quadripartida. *Cenário, Acontecimento, Personagens e Mensagem* são os capítulos que compõem a obra, antecidos de uma introdução e sucedidos por um apêndice alusivo ao trabalho documental sobre Fátima e uma apreciável bibliografia que junta aos estudos elencados uma significativa quantidade de fontes, entre as quais várias inéditas, oriundas do Arquivo Secreto Vaticano. Imediatamente se nota uma estrutura coe-rente, aliada a um suporte bibliográfico adequado, anunciando um texto que integra o que de melhor se publicou sobre Fátima. A introdução diz ao que a obra vem. Pretende-se «colocar ao serviço do grande público uma leitura que congregasse o conhecimento das fontes com a visão cristã do fenómeno religioso de origem popular, sucessivamente apropriado e relido, reinterpretado ao compasso da História e sempre aberto no horizonte do futuro» (p. 11). Se o título e a estrutura já indiciam que não se trata de uma obra no estrito reduto historiográfico, a introdução acrescenta que se deseja «abordar uma

¹ Cf. *DOCUMENTAÇÃO crítica de Fátima*. Fátima: Santuário de Fátima, 1992-2013. 5 vols. em 15 tomos.

² Cf. AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano, Coord. – *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Princípia, 2007.

experiência, com cem anos de resistência ao tempo, sob o ângulo da história e da teologia espiritual» (p. 13), enfrentando o papel das mediações entre a religiosidade popular e a visão cristã de Deus, considerando a atualização e reintegração eclesial dos acontecimentos. *Das visões dos pastorinhos à visão cristã* é, pois, um título muito apropriado ao que a obra promete, mesmo se o recurso à palavra «visão» em vez de «aparição», comumente usada para os acontecimentos de 1917, possa gerar alguma estranheza. D. Carlos Azevedo, seguindo a terminologia do cardeal Joseph Ratzinger no comentário teológico de 2000 ao segredo de Fátima³, usa sempre para as experiências vividas pelos pastorinhos a designação de «visões», definindo-as como «experiências de iluminação interior, interpretadas como efeito de uma presença transcendente» (p. 64). Situa, pois, o que ocorreu com os pastorinhos no âmbito das experiências místicas e não dum qualquer aparecimento objetivante que a todos num determinado tempo e lugar se impõe. A «visão» olha o acontecimento a partir do sujeito que vê enquanto a «aparição» pode sublinhar aquilo que lhe chega, mas sempre no mesmo quadro das experiências místicas. É, pois, também no âmbito das experiências místicas que se situam as habitualmente ditas «aparições». G. P. Paolucci, no *Dicionário de mística*, define «aparição» como «manifestação extranatural, perceptível, seja aos sentidos externos, seja à imaginação, de um objecto que pareça presente»⁴. Reconheça-se, contudo, que o termo pode favorecer um significado externamente objetivável, quando é de «experiências de iluminação interior» que se trata, cuja autenticidade, supostos outros contributos, só teologicamente pode ser discernível. O termo «visão» favorece ainda, no caso da obra em análise, a construção de um título adequado a uma abordagem entre o que historicamente aconteceu e o seu significado no hoje da Igreja e do mundo, a tal *visão cristã* do complemento de título.

O *Cenário* de Fátima é montado na primeira parte da obra com as linhas fundamentais da conjuntura histórica antecedente, concomitante e subsequente aos acontecimentos de 1916-1917 e até 1930. Percebe-se o *terminus ad quem*, materializado no reconhecimento da credibilidade da manifestação divina aos pastorinhos pela carta pastoral de D. José Alves Correia da Silva. É também o limite final da *Documentação crítica de Fátima*, instrumento

³ Cf. RATZINGER, Joseph – Comentário teológico. In CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ – *Mensagem de Fátima*. [Online:] http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html [consulta a 14 de abril de 2017]. A obra que apresentamos invoca também a terminologia usada por Karl Rahner na obra *Visões e profecias* de 1952.

⁴ PAOLUCCI, G. P. – Aparições. In BORRIELLO, L. [et al.], dir. – *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2003, p. 91.

fundamental para esta abordagem histórica. No período incluem-se «os três ciclos de visões: angélico (1916), mariano (1917) e o interpretativo e cordimariano, isto é relativo ao Coração de Maria (Pontevedra – 1925-1926 e Tui – 1929)» (p. 15). É no *Cenário* que D. Carlos Azevedo mais largas dá à sua veia de historiador, apresentando a conjuntura sociopolítica e económica portuguesa prévia a 1917; os factos deste ano; o processo de restauração da diocese de Leiria e a escolha do seu bispo; os principais acontecimentos eclesiais entre o sidonismo e o Estado Novo; os antecedentes das visões; as características da localidade e da família. Quanto à conjuntura sociopolítica e económica, aponta a grave crise económica que Portugal vinha enfrentando desde finais do século precedente e a implantação da República em 1910 com o confronto entre a Igreja e o Estado em razão da laicização desejada pela nova elite política. Junta-lhe a reação eclesial comportada pelos documentos do episcopado português, que, criticando a legislação, mas aceitando as novas autoridades, se preocupava sobretudo por mobilizar os católicos na defesa dos interesses da Igreja. A apresentação dos factos de 1917 possibilita ao autor trazer à liça alguns acontecimentos que marcam a sociedade do tempo e que de um modo ou de outro não deixam de se refletir sobre Fátima: a I Guerra Mundial, a revolução comunista russa, a pastoral coletiva dos bispos portugueses desse ano e a criação do Centro Católico, a agitação político-social e a nova ordem de exílio para alguns bispos, assim como o golpe de estado de Sidónio Pais e o atenuar da agressividade do regime político para com a Igreja. Segue-se a apresentação do processo de restauração da diocese de Leiria e da escolha de D. José Alves Correia da Silva como seu bispo, com um detalhe que excede o necessário para o tema em questão, como aliás o autor reconhece quando previne que «sendo lateral ao fenómeno das visões, determinará a seleção de um elemento essencial no futuro Santuário» (p. 33). O detalhe, que quem quiser estudar a restauração da diocese de Leiria agradece e que chega a dar a conhecer os candidatos apresentados pelos bispos portugueses da época à Nunciatura, justifica-se sobretudo pela documentação que D. Carlos conseguiu reunir no Arquivo Secreto Vaticano. Importante para a questão em estudo é ter ficado provado, no parecer do autor, que os acontecimentos de Fátima não contribuíram para a restauração da diocese, ocorrida em janeiro de 1918, depois de um processo que antecedeu os ditos acontecimentos, nem para a nomeação do prelado em 1920, tanto mais que «em nenhum momento deste processo os acontecimentos de Fátima são chamados ou citados» (p. 45). O *Cenário* prossegue com os principais acontecimentos eclesiais do sidonismo ao Estado Novo, sublinhando a maior tranquilidade vivida pela Igreja, a exaltação nacionalista do catolicismo português visível na beatificação de Nuno Álvares Pereira e vários acontecimentos que marcaram a restauração cristã,

entre os quais se destaca o Concílio Plenário Português de 1926. A análise também se fixa no ambiente político-social do tempo, pautado por divisões partidárias, que dificultavam a união dos leigos, quando Fátima «continuava a congregar multidões, apesar da ameaça de proibição (p. 49). O retrato é aqui feito novamente com significativa documentação inédita provida do Arquivo Secreto Vaticano, mesmo se se considera quase só o ângulo de visão da Nunciatura em Lisboa. O capítulo encerra com os antecedentes das visões, considerando o influxo da *Missão abreviada* do P. Manuel do Couto e a narrativa das aparições de La Salette aí contida no imaginário crente coevo aos acontecimentos de Fátima, e com a caracterização da localidade e da família dos videntes.

Composto o *Cenário*, a obra dá espaço ao *Acontecimento*. A segunda parte inicia-se com a abordagem das visões, definindo-as, nos termos já referidos, a partir da reflexão de Joseph Ratzinger, e apontando outras experiências, como a ilusão, a alucinação, a sugestão e o contágio mental, enquanto se refere que «Deus não altera ou suspende as leis naturais psicológicas, mas vale-se das possibilidades das leis naturais» (p. 67). Apresenta depois a perspetiva crítica do jesuíta belga Edouard Dannis, que aceitava como autênticas as visões de 1917, enquanto questionava as posteriores, abrindo para a conhecida distinção entre «Fátima I» e «Fátima II», ao mesmo tempo que alude à «visão complementar e confirmativa» do claretiano Joaquín María Alonso. Com Joseph Ratzinger, as visões de Fátima não são consideradas decorrentes da «percepção externa normal dos sentidos» (p. 69), as visões corpóreas, nem visões intelectuais sem imagens, mas situam-se numa «categoria intermédia, a percepção interior que, para o vidente, tem uma força de presença tal que equivale à presença externa sensível» (p. 69). Referindo o necessário discernimento da comunidade, através do magistério da Igreja, o capítulo aponta os critérios habitualmente considerados, para concluir que «a experiência espiritual dos pastorinhos manifesta, na simplicidade infantil da narração, uma vivência extraordinária, colocada ao nível místico contemplativo, de captação do divino na complexidade psíquica das crianças, do grupo de aderentes e do meio social» (p. 73). Descreve depois os vários ciclos de visões: o ciclo angélico de 1916; as visões marianas de maio a outubro de 1917; o ciclo cordimariano que integra as visões de Lúcia em Pontevedra (1925 e 1926) e em Tui (1929). O texto opta por uma descrição pormenorizada muito decalcada nas fontes, nomeadamente os inquéritos aos videntes e as *Memórias* de Lúcia, perdendo o carácter mais sistemático que vinha revelando; opção, contudo, compreensível num texto que pretende ser de divulgação e chegar ao grande público. Ainda assim interpreta cristãmente o ciclo angélico, destacando o papel mistagógico do anjo e referindo que «os anjos surgem como preparação do encontro com

Deus, através de Maria, com a situação humana do mundo» e que assim «Deus começa a introduzir os pastorinhos no caminho da fé» (p. 79). Após o relato do ciclo mariano de 1917, atém-se também o autor à apresentação da reação do ambiente cultural envolvente, designadamente do laicismo republicano mais radical, cruzada com o cientismo e o positivismo. Percorre ainda a reação da hierarquia da Igreja, ponderada e prudente, da reserva inicial até à progressiva perceção de que «tem em Fátima um instrumento potente que serve os seus intentos: com a adesão do povo pode enfrentar a ideologia republicana, laicista» (p. 113).

No *Cenário* montado desfilam as *Personagens* que protagonizaram os acontecimentos. Com elas se compõe o terceiro capítulo da obra. São primeiramente apresentadas biografias sumárias dos três videntes. Mais breves as de Francisco e Jacinta, porque a doença os levou à morte pouco tempo depois dos acontecimentos, respetivamente em 1919 e 1920. Ficamos a conhecer a sua família, os traços dos seus temperamentos e a evolução das suas doenças que convergiram para as suas mortes. A longa vida de Lúcia, que morreria nonagenária em 2005, possibilitou uma narrativa mais longa, que tem em conta a sua educação no Instituto Van Zeller no Porto, o seu ingresso na vida religiosa como doroteia, as suas visões dos anos 20, a fixação dos acontecimentos pela redação das *Memórias*, a sua passagem à vida contemplativa como carmelita no Carmelo de Coimbra. A obra inclui entre as *Personagens* dois denominados «supervisores», o P. Manuel Nunes Formigão e o bispo D. José Alves Correia da Silva, porque – nas palavras do autor – «se não fossem estes dois homens cuidarem e tratarem os testemunhos e as testemunhas e darem-lhes implantação narrativa e espacial talvez o Santuário nunca tivesse atingido o alcance obtido» (p. 120). O P. Formigão interessou-se por Fátima logo na decorrência dos acontecimentos (esteve na Cova da Iria em 13 de setembro de 1917), publicou artigos e opúsculos de divulgação dos acontecimentos, integrou a partir de 1922 a comissão encarregada do Processo Canónico em ordem ao estudo da credibilidade dos acontecimentos, redigiu o relatório final prévio à carta pastoral de 1930, fundou as Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima. Foi «pedra fundamental para solidificar o conhecimento dos episódios de Fátima, para os divulgar com descrições equilibradas e para qualificar a experiência espiritual vivida pelos pastorinhos» (p. 143). D. José Alves Correia da Silva foi o primeiro bispo de Leiria após a restauração da diocese e até 1957. Foi, pois, sob o seu cuidado pastoral que foi evoluindo a afirmação de Fátima. Inicialmente prudente e reservado perante os acontecimentos, couberam-lhe as decisões fundamentais dos anos seguintes. Entre muitas se podem destacar a autorização para a primeira missa campal em 1921, a criação da comissão do Processo Canónico em 1922, a criação de

uma capelania no Santuário e a nomeação do primeiro capelão em 1927 (que se juntou à antecedente compra de terrenos e à progressiva criação de estruturas entre as quais a construção da igreja), a declaração da veracidade dos acontecimentos e a autorização do culto à Senhora de Fátima em 1930. Sem apresentar elementos originais, este capítulo permite o conhecimento dos perfis biográficos das figuras mais relevantes que gravitaram em torno de Fátima. A síntese biográfica do bispo de Leiria ultrapassa frequentemente a estrita biografia para coligar um conjunto de outros acontecimentos relativos à afirmação de Fátima, desde as visitas dos vários bispos a partir de 1926, as peregrinações diocesanas e internacionais, o apoio do poder político já no tempo do Estado Novo, a ressonância internacional de Fátima nomeadamente no contexto da decisão de Pio XII de consagrar em 1942 o mundo ao Imaculado Coração de Maria. Não custa ver neste e noutros acontecimentos maior ou menor influxo do bispo de Leiria, mas parece-nos que o autor também aproveitou para colar à biografia elementos do desenvolvimento de Fátima sobretudo no pós-1930 que necessitava de apresentar.

Por fim, a *Mensagem*, que justifica a ressonância e a continuidade de Fátima ao longo do tempo e reclama uma contínua hermenêutica, para que continue a falar aos peregrinos em contextos históricos diferentes, também na contemporaneidade. A mensagem de Fátima centrada na oração, na penitência e conversão, muito contextualizada numa espiritualidade de reparação e consolação, foi reinterpretada ao longo dos tempos a partir de diferentes acontecimentos: a I Guerra Mundial, a febre pneumónica, a Guerra Civil Espanhola, a II Guerra Mundial, os regimes comunistas, o atentado ao papa João Paulo II. Concordando com as habituais fases da apropriação da mensagem – nacionalista, anticomunista, dinamizadora da pastoral –, junta D. Carlos uma quarta alusiva à perseguição dos cristãos no mundo, a partir da leitura teológica da terceira parte do segredo. No ambiente de crise nacional, houve correntes da cultura que pretenderam superar a dimensão institucional do catolicismo português e alimentar expectativas de salvação laicas. Neste contexto, Fátima tornava patente uma expectativa de salvação de Portugal pela via religiosa, ligada às práticas devocionais antecedentes, retomadas no quadro de restauração do catolicismo que a Igreja pretendia levar por diante no rescaldo da questão religiosa da I República. Como refere a obra, «entre esta vertente nacionalista e a apropriação anticomunista está a ligação ao Estado Novo, que se aproveitou e manipulou Fátima para uma resignação da população, sobretudo a uma visão colonial, fora da doutrina social da Igreja» (p. 159). A apropriação anticomunista, resultante sobretudo das referências à Rússia, desenvolve-se ao longo dos anos 30, certamente em paralelismo com a afirmação do comunismo no contexto internacional, ainda mais visível com as grandes áreas comunistas

do globo subsequentes ao termo da II Guerra Mundial. No entendimento da obra, «Fátima afirma-se claramente como centro de dinamização pastoral, em consequência do II Concílio do Vaticano» (p. 161), aspeto que julgamos inclusivamente poder constatar-se anteriormente.

A apresentação da *Mensagem* fixa-se depois no segredo, dado a conhecer aos videntes em julho de 1917 e só mais tarde fixado por Lúcia e revelado em tempos distintos nas suas três partes. As duas primeiras partes foram reveladas na *Quarta memória*, de 1941, concretamente a visão do inferno e a consagração da Rússia. O livro que agora apresentamos, considerando o que já se escreveu sobre o tema, procura apresentar o significado do segredo. A visão do inferno «serve para criar uma repulsa do que possa conduzir a vida ao inferno» (p. 166). Com o recurso pedagógico da linguagem apocalíptica, mostra-se que «Deus é a única fonte da verdadeira vida» e «sublinha-se, com imagens infernais, a tristeza horrível de um mundo que se afasta da sua fonte» (p. 167). Seguem-se a predição de uma guerra, de fome e de perseguição à Igreja e ao papa e o decorrente pedido da consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria e a devoção reparadora dos primeiros sábados. A preocupação hermenêutica que incide sobre o pedido de consagração da Rússia leva a que a Rússia não seja entendida apenas em sentido estrito, mas que o seu significado se amplie «a todos os que por prepotência substituem Deus e excluem a graça do amor feita misericórdia» (p. 171). Neste contexto abordam-se também o Coração Imaculado de Maria e o sentido da reparação e da consagração. A consagração ao Coração de Maria é percebida como imitação de Maria «na capacidade de ser total e incondicionalmente de Deus» (p. 176) e a reparação como «forma de participar no amor redentor, de assumir o amor ferido de Deus perante o mal do mundo que torna sofredoras as criaturas que o Criador sonhou» (p. 178). Assim se previne o entendimento da mesma como uma compensação dada a Deus pelas ofensas recebidas, dificilmente compreensível face a um Deus que ama gratuita e absolutamente. A obra incide então sobre a terceira parte do segredo, entregue ao bispo de Leiria em 1944, enviada para Roma em 1957 e divulgada em 2000, em conjunto com o já referido comentário de Joseph Ratzinger; terceira parte alusiva à perseguição à Igreja e ao papa. Podendo certamente referir-se à perseguição da Igreja no século XX, a cena de martírio da terceira parte do segredo pode alargar-se «a toda a História da Igreja, passada e futura. A Igreja é perseguida por sistemas ateus e totalitários, por fundamentalistas muçulmanos, pela infidelidade dos seus membros ao Evangelho» – refere a obra, num esforço de dar abrangência ao conteúdo do segredo, lendo-o com os olhos das preocupações eclesiais do mundo de hoje. O capítulo termina precisamente com um perscrutar do sentido da mensagem para o futuro, incidindo e deixando alguns contributos

para a tal *visão cristã* referida no título, e com o elencar de alguns aspetos não abordados, remetendo nuns casos para outros estudos e noutros apontando a investigação que ainda é necessário fazer.

O livro encerra com um interessante apêndice sobre o trabalho de recolha e disponibilização documental respeitante a Fátima, nomeadamente o trabalho desenvolvido pelo P. Joaquín Maria Alonso desde os anos 60 e aquele patrocinado cientificamente pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica, desde os anos 80, e com o contributo do Centro de Estudos de História Religiosa da mesma Universidade, desde 1999. História-se assim o trabalho que deu corpo aos 15 tomos em cinco volumes da *Documentação crítica de Fátima*, publicados entre 1992 e 2013, a que se juntou neste último ano a publicação de um volume de seleção documental⁵, com o objetivo de vir a ser traduzido noutras línguas, e a reedição do primeiro volume, sem novos documentos, mas com a correção de alguns lapsos identificados na primeira edição. O trabalho documental a propósito de Fátima já tinha sido historiado sobretudo por Luciano Coelho Cristino na introdução ao primeiro volume da *Documentação crítica*, numa intervenção no congresso *Fátima e a Paz* publicada em 1993 nas respetivas atas, e num artigo publicado em 2008 na revista *Ephemerides Mariologicae*, não referenciado no nosso livro⁶. A resenha agora apresentada alude, contudo, também ao trabalho realizado em fase posterior. Notamos apenas alguma imprecisão quando se refere à comissão do projeto da *Documentação crítica de Fátima* para o período 2008-2016 (p. 200), presidida por David Sampaio Barbosa. Os dados apresentados referem-se ao período 2008-2013. Neste último ano, ao abrigo do protocolo de cooperação entre o Santuário de Fátima e a Faculdade de Teologia da Universidade Católica celebrado no ano anterior, foi nomeada nova comissão que já não contou com António Teixeira Fernandes e Maria Inácia Rezzola e integrou Joaquim Augusto Félix de Carvalho, Isidro Pereira Lamelas e Cristina Maria Matias Sobral, que já estava a trabalhar na edição crítica das *Memórias* de Lúcia, publicadas no ano passado⁷. Os trabalhos desta comissão encontram-se

⁵ Cf. *DOCUMENTAÇÃO Crítica de Fátima: Seleção de documentos (1917-1930)*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013.

⁶ Cf. CRISTINO, Luciano Coelho – Introdução. In *DOCUMENTAÇÃO crítica*, vol. 1, p. VII-XI; IDEM – As Fontes de Fátima: Os interrogatórios de 1917. In *FÁTIMA e a Paz: Actas do Congresso Internacional sobre Fátima e a Paz no 75.º aniversário das aparições (8-12/5/1992)*. Fátima: Santuário de Fátima, 1993, p. 53-84; IDEM – A los Noventa Años de las Apariciones de Fátima. La Edición Crítica de los Documentos: Historia de los Proyectos de Edición y Fase Actual. *Ephemerides Mariologicae*. 58 (2008) 523-535.

⁷ Cf. JESUS, Lúcia de – *Memórias*. Edição crítica de Cristina Soveral. Fátima: Santuário de Fátima, 2016.

suspensos por comunicação do reitor do Santuário em reunião de dezembro de 2014, formalizada por carta de março de 2015. Trata-se apenas de uma precisão que não macula o interesse do apêndice, tanto mais que, não integrando D. Carlos Azevedo nesta altura a comissão, não terá tido acesso à informação.

Vai já longa esta apresentação em que de modo algum queremos esgotar o conteúdo do livro, meritório na sistematização dos dados já refletidos sobre Fátima, na apresentação de alguma documentação inédita, na consolidação de um revisionismo de linguagem que vem pelo menos de 2000, na procura de uma hermenêutica das visões que fale a cada tempo. Fecha-se, por isso, a nossa apresentação, com o agradecimento ao autor e à editora. Mantém-se, contudo, montado o *Cenário*. Nele desfilam o *Acontecimento* e as *Personagens*, também a *Mensagem* passível de ser dita e interpretada noutros contextos. É, pois, tempo sobretudo de ler o livro.